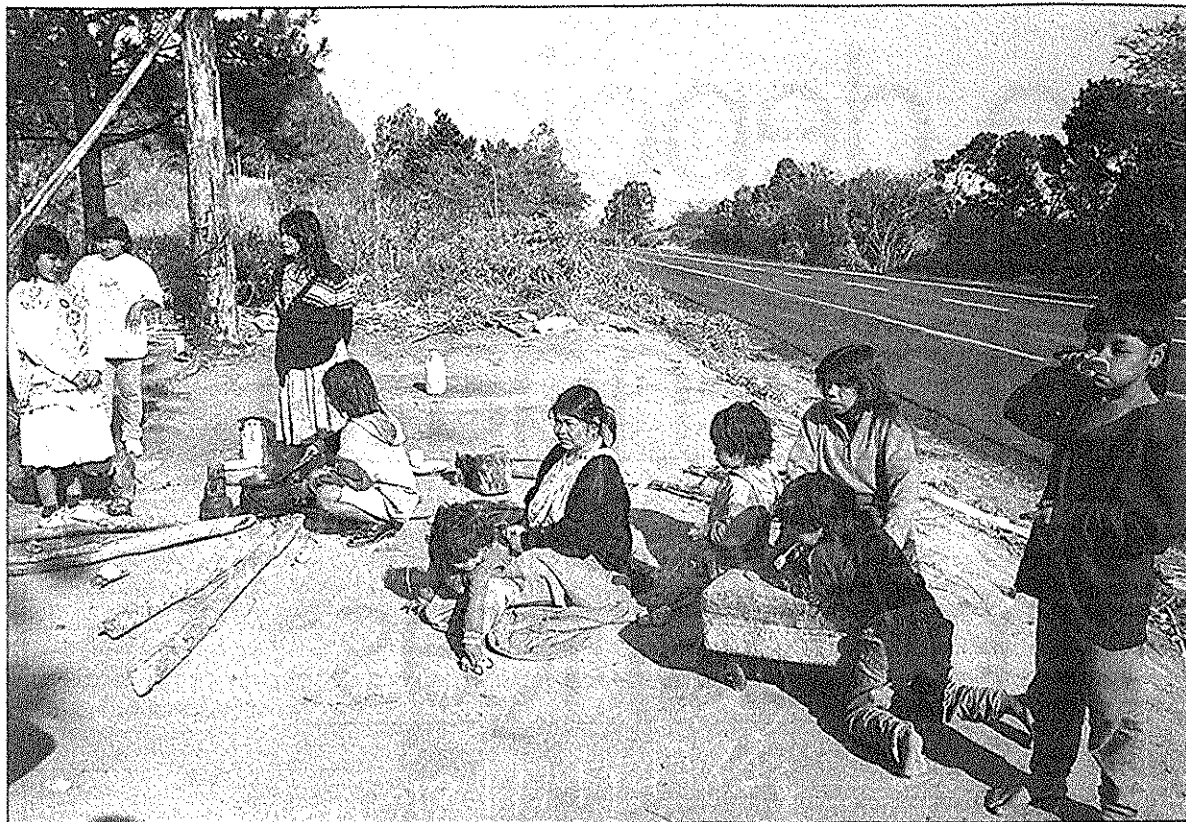


ÍNDIOS

Morte de crianças guaranis será investigada por fórum

Funai e Fundação Nacional de Saúde poderão ser responsabilizadas

JOSÉ DOVAL/ZH



Area de risco: frio e miséria ameaçam índios acampados às margens da BR-116, em Barra do Ribeiro

CLARINHA GLOCK

A morte de duas crianças indígenas no acampamento às margens da BR-116, em Barra do Ribeiro, na última sexta-feira, será investigada pelo Fórum Intermunicipal para a Questão Indígena. Amanhã, os representantes do fórum vão reunir-se na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre para avaliar a responsabilidade da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional de Saúde (FNS-RS) sobre a situação dos mbyá-guaranis. Há três anos os índios estão acampados no local, aguardando a demarcação de suas terras. Há indícios de que Márcio Duarte, um ano e 11 meses, e Carina Brisoela, um ano e 10 meses, tenham morrido por complicações respiratórias devido ao frio.

Nos últimos dias, o garoto apresentava febre e vômitos. Maria Duarte, 22 anos, mãe de Carina, lembra que a menina teve diarreia com sangue. Poucos dias antes, havia sido hospitalizada com pneumonia e escabiose. O laudo que confirmará a causa da morte dos guaranis será encaminhado hoje pelo Departamento Médico Legal (DML) à Delegacia da Polícia Civil de Barra do Ribeiro.

Os guaranis de Barra do Ribeiro sobrevivem de doações e com o dinheiro da venda de artesanato. Reivindicam um pedaço de terra de cerca de cem hectares na área de seus antepassados.

— Sem terra, os índios sofrem muito. Por que a Funai não se preocupa em demarcar a área? — questiona o cacique Felipe Oscar Brisoela.

A Funai alega que há outras áreas guaranis sendo demarcadas. Dos 75 indígenas que vivem nas margens da estrada, cerca de 45 são crianças. Alheias à luta de seus pais, brincam descalças no chão desnudo sobre o qual se erguem as frágeis barracas de lonas pretas. Não há colchão, os cobertores são raros. Um mirrado fogo de chão esquenta uma chaleira.

O choque cultural faz com que os índios fujam do atendimento hospitalar e procurem o rezador guarani

A comida é escassa. Sem alimento, nenhuma roupa parece ser suficiente para barrar as doenças respiratórias e suas complicações. A proximidade com a BR-116 representa outro perigo: de 1997 para cá, sete guaranis foram atropelados.

Ignácio Mahfuz, chefe de operações da FNS, observa que o acampamento fica em área do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e não é possível “nem fazer rede de água

no local”. A Secretaria de Saúde de Barra do Ribeiro ajuda a encaminhar os doentes aos hospitais de Porto Alegre nos casos mais graves, mas isso não é o bastante. A resistência cultural dos guaranis em se misturar com os brancos faz com que primeiro procurem o seu rezador, chamado de karai. Quando buscam o atendimento dos brancos, não querem ficar no hospital. Para amenizar o choque cultural, estão sendo contratados um auxiliar de enfermagem e um agente de saúde indígenas que deverão percorrer as áreas guaranis, informa Elenir Coroaia, do Setor de Saúde da administração regional da Funai em Passo Fundo.

Entre os caingangues que vivem em área demarcadas, a situação também é delicada. No final de 1997 e início de 1998, dezenas de crianças morreram por uma simples virose associada a um quadro de desnutrição na área de Guarita, no norte do Estado. A virose foi controlada, e agora são os casos de tuberculose que preocupam. No dia 30 de maio, o caingangue Leônidas Ribeiro, quatro meses, morreu com a doença. A Funai pretende fazer uma inspeção na área indígena para identificar os focos de tuberculose.

Em março, a Procuradoria da República no Estado ingressou com ação civil pública solicitando melhorias nos serviços de saúde nas áreas indígenas gaúchas, mas até hoje não obteve resposta.